



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA
EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
INTERDISCIPLINARES

ROSE MERRI DANTAS DE ASSIS SOARES

O ENSINO MUNICIPAL DE BELÉM
um olhar diferenciado para o multisseriado

GUARABIRA - PB
2014

ROSE MERRI DANTAS DE ASSIS SOARES

O ENSINO MUNICIPAL DE BELÉM
um olhar diferenciado para o multisseriado

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientador: prof. Msc. Leandro Paiva do Monte Rodrigues.

GUARABIRA - PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S676e Soares, Rose Merri Dantas de Assis
O ensino municipal de Belém: [manuscrito] : um olhar diferenciado para o multisseriado / Rose Merri Dantas de Assis Soares. - 2014.
59 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Prof. Ms. Leandro Paiva de Monte Rodrigues, Departamento de Geografia".

1. Ensino multisseriado. 2. Cultura. 3. Educação. I. Título.
21. ed. CDD 372.62

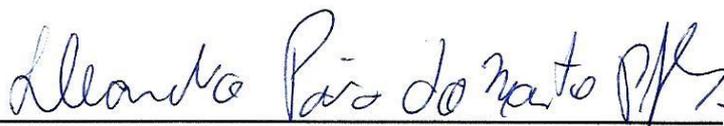
ROSE MERRI DANTAS DE ASSIS SOARES

O ENSINO MUNICIPAL DE BELÉM
um olhar diferenciado para o multisseriado

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 06 / 12 / 2014

BANCA EXAMINADORA



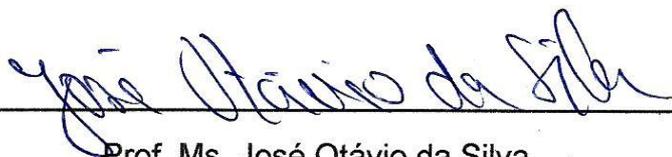
Prof. Ms. Leandro Paiva de Monte Rodrigues

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

Orientador


Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB



Prof. Ms. José Otávio da Silva

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a meu esposo, Carlito e a Thiago e Priscilla pela excelência como filhos e pelo exemplo de juventude sadia, nessa conturbada sociedade de hoje.

Dedico com orgulho, a Osvany Sales, pelo exemplo ímpar de excelente pai.

Dedico a Cristina Dantas, minha mãe, pelo incentivo e pelo apoio em tudo que preciso realizar na minha vida.

Dedico ao meu orientador, Leandro Paiva, pela competência, pela firmeza no que faz e pela compreensão na condução dos trabalhos, dons exclusivos do verdadeiro mestre.

Dedico, sobretudo e bastante emocionada, ao meu Deus, pela cura de um câncer de mama.

Sois o meu Deus, venho agradecer-vos

Salmo 117:28

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Secretaria de Educação de Belém-PB e aos seus membros que aceitaram colaborar com este estudo, concedendo as entrevistas que serviram de suporte para o desempenho deste trabalho: o Secretário, a Secretária Executiva, a Secretária Adjunta, a Coordenadora do EJA, a Coordenadora do PNAIC do 1º ao 3º ano, aos professores, gestores escolares e alunos municipais. A todos nosso abraço de profundo agradecimento.

Agradeço aos participantes das gincanas da escola Márcia Guedes, professores e alunos, pelas informações prestadas.

Agradeço à minha cunhada Patrícia por colaborar sempre que precisei.

Agradeço à professora Cristina Dantas por disponibilizar seu acervo bibliotecário particular para a realização da pesquisa.

Agradeço ao Oficial do Registro Civil do Cartório de Belém, o Sr. Osvany Sales de Assis pelas informações prestadas na correção dos nomes próprios de pessoa.

Agradeço à Sra. Maria Eunice pelas informações sobre a família do Sr. Manoel Batista.

Agradeço ao radialista Valter Batista da Rádio Talismã pelas informações cedidas.

Agradeço a Cleidson, funcionário do Cartório do Registro Civil, pela paciência e dedicação na digitação dos textos.

Enfim, agradeço a todos, que de uma forma ou de outra, colaboraram para o êxito deste exercício.

A todos o meu maior e mais sincero reconhecimento.

*O principal objetivo da educação
é criar indivíduos capazes de fazer coisas novas
e não simplesmente repetir o que as outras gerações fizeram*

Jean Piaget

RESUMO

Este trabalho trata da educação do município de Belém, estado da Paraíba, tendo como base o ensino rural e como foco um olhar diferenciado para o ensino multisseriado, porque todas as escolas da zona rural do município funcionam nessa modalidade de ensino. A pesquisa literária procurou explicar conceitos polissêmicos como cultura e educação. Pesquisaram, também, ruralidade e a dicotomia urbano x rural, termos que neste contexto se fazem necessários para a condução e compreensão desta investigação. A pesquisa entrevistou secretários de educação, coordenadores de programas educacionais (EJA, PNAIC, etc.), pedagogos, gestores escolares, professores e alunos. O nível de qualificação dos professores da rede municipal de Belém é uma realidade, incontestavelmente, significativa. Num total de 239 professores apenas 4 estudam, ainda, o Ensino Médio, os demais estão assim distribuídos: 58 com Pós-Graduação, 90 com Licenciatura Plena, 37 com o Curso Normal e 40 com o Ensino Médio. Todas as escolas, tanto urbanas quanto rurais, têm Conselho Escolar, Projeto Pedagógico e Regimento Interno. Em termos gerais o ensino municipal de Belém vem, mostrando consideráveis avanços e procurando cumprir os ditames do MEC. Todos os entrevistados foram unânimes em desaprovar o ensino multisseriado. A heterogeneidade dessa modalidade é vista pelos educadores como um ensino de segunda categoria e de difícil organização didático-pedagógica. Essa dificuldade gera incompetência na aprendizagem do Ensino Fundamental I da zona rural dificultando o acompanhamento dos conteúdos do Fundamental II, do ensino regular, oferecido na escola urbana. A Secretária Executiva da Educação, quando entrevistada, apresentou como sugestão para este caso, a criação de Centros Educacionais na zona rural. Esses Centros ofereceriam condições para formar turmas por ano/série de estudo. Extinguiria o ensino multisseriado – educação do campo e, conseqüentemente, corrigiria a deficiência do ensino da zona rural que, então, passaria a funcionar como ensino regular. Todos os entrevistados concordam com a construção dos Centros por acreditar que solucionariam o problema da incompetência do ensino-aprendizagem da zona rural. É importante que se repense o caso porque o sujeito do campo, enquanto estudante, enquanto pessoa que se prepara para o futuro não merece tratamento educacional diferenciado e discriminatório.

PALAVRAS-CHAVE: ensino multisseriado. cultura. educação.

ABSTRACT

This work talks about the education in the city of Belém, state of Pará, it has as a basis the rural teaching and as a focus a differentiated look for the multigrade teaching, because all the rural schools of the city of Belém work in this educational modality. The literary research tried to explain polysemic concepts, like culture and education. It also researched the rurality and the dichotomy urban X rural, terms that in the context are necessary to conduct and comprehend this investigation. The survey polled education secretaries, coordinators of educational programs (EJA, PNAIC, etc.), pedagogues, school managers, teachers and students. The qualification level of the municipal network of Belém is a reality, undoubtedly, significant. In a total of 239 teachers only 4 are still studying high school, the others are distributed this way: 58 post-graduated, 90 graduated licentiate, 37 with Normal Course and 40 with a High School diploma. All the public municipal schools have quality meals, schools transportation, didactic material; teachers and staff members with the fees on time. All the schools, both urban and rural, have a School Council, Pedagogic Project and Intern Regiment. In general terms the Municipal education in Belém comes, differently from the past, showing considerable progress, and trying, as far as possible, conform to the edicts of MEC. All the people interviewed were unanimous in disapproving the multigrade teaching. The heterogeneity of this modality is seen by educators as a second-class teaching and of hard didactic-pedagogic organization. This difficulty creates incompetence of learning in the Elementary School I of the rural area, making difficult the accompaniment of the contents of the Elementary II of the regular teaching, offered in urban schools. The Executive Secretary of Education, when interviewed, presented as a suggestion for this case, the creation of Educational Centers in the countryside. These centers would provide conditions to form classes per year/ series of study. They would extinguish the multigrade teaching in the countryside, and consequently correct the deficiency of teaching in the countryside, then, they would function as regular education. All the people interviewed agree with the construction of the Centers because they believe that would solve the problem of lack of teaching and learning in the rural areas. It's important to rethink about the case because the man of the countryside, as a student, as a person that is preparing to the future, doesn't deserve a discriminatory and differentiated educational treatment.

KEY-WORDS: multigrade teaching 1; cultura 2; education 3; rurality 4; municipal teaching 5.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 UMA REFLEXÃO SOBRE CULTURA	14
2.1 O que é cultura	14
2.2 Duas regiões, duas culturas	17
2.2.1 Breve conceituação de rural	17
2.2.2 Cultura urbana e cultura rural	19
3 METODOLOGIA	23
4 EDUCAÇÃO	25
4.1. Mestres e Pensadores da Educação	28
5 O MUNICÍPIO DE BELÉM	30
5.1. Caracterização do município de Belém.	30
5.2. Manifestações culturais	30
5.3. Aspectos da história do município	33
5.4. A questão educacional	33
6 ANÁLISE DOS DADOS	37
6.1 O sistema de ensino rural do município de Belém: o que diz a Secretaria de Educação.	37
6.2 Visita às escolas do campo	42
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55

1 INTRODUÇÃO

O pressuposto básico deste trabalho é alertar sobre a questão preocupante que aponta para a falta de equidade entre o ensino-aprendizagem das escolas da zona urbana e o ensino-aprendizagem das escolas da zona rural, tendo como foco o Ensino Multisseriado.

Sabe-se que no Brasil os conteúdos programáticos são assegurados por Lei a todas as escolas do território nacional, inclusive aos povos indígenas. Veja-se Saviani (2008).

[...]

Universalizar, imediatamente, a adoção das Diretrizes para política Nacional de Educação. Universalizar, em dez anos, a oferta às comunidades indígenas, e programas educacionais equivalente às quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, respeitando seus modos de vida, suas visões de mundo e as situações sociolinguísticas específicas por elas vivenciadas. (SAVIANI, 2008, p. 215).

Já se discute hoje uma base nacional comum curricular (Nova Escola, setembro, p. 30-35, 2014).

[...]

A definição de quais conteúdos ensinar e do que é desejado que os estudantes saibam é influenciado por diferentes referências. Buscando solucionar a questão, O Ministério da Educação (MEC) convocou pesquisadores, formadores de professores e representantes de associações como a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime) e a Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (Anped). O grupo vem se reunindo periodicamente para criar a base nacional comum dos currículos, um descritivo de conteúdos e saberes necessários para cada ano e segmento da Educação Básica. [...] (camila.camilo@fvc.org.br).

Ao longo das pesquisas, apresentadas no corpo deste trabalho, fica suficientemente, provado que a questão preocupante a que nos referimos

anteriormente e que aqui se pretende esclarecer, não advém de nenhum impasse sobre a universalização dos conteúdos programáticos.

As pesquisas mostram o dilema existente entre urbano e rural. O homem urbano sempre tomado como pessoa polida, fina, educada, desenvolvida, culta, rica, etc. Em oposição, o homem do campo tomado como caipira, malcriado, tolo, abestalhado, rude, descortês, inurbano, rústico, pobre, etc., enfim um rural.

Diz Frabetti (2006, p. 146) que o campo e a cidade são produtos da ação das sociedades humanas, apesar de ocasionalmente poderem se encontrar em oposição no interior dessas mesmas sociedades. No entanto “o campo representa o isolamento e a dispersão e a cidade, o encontro e a aglomeração; a centralidade”. Entende-se que “essas características são forças produtivas combinadas e investidas no processo mais amplo de reprodução e transformação da totalidade social”. (FRABETTI, 2006 p. 146).

Pela realidade acima exposta há de se convir que a escola urbana sempre foi diferenciada da escola rural. A zona urbana sempre com mais propriedade de escolarização, favorecida pela questão da aglomeração, da centralidade.

Quer se entender, partindo dessa compreensão, e do que vem explicitado ao longo da pesquisa bibliográfica e das entrevistas, que a grande dificuldade de escolarização na zona rural, dificuldade que, de certa forma, se arrasta até hoje, concorreu para o analfabetismo do sujeito do campo, bem assim, para a questão de que os moradores da zona rural fossem vistos e tidos como pessoas sem cultura e marginalizadas socialmente. Em tudo fica evidente a superioridade do urbano sobre o rural. Assim o rural tenderá a ser definido, em princípio, pela carência, o que não pode ser considerado um critério adequado sob qualquer ponto de vista.

Este trabalho inicia sua pesquisa buscando esclarecer conceitos polissêmicos como cultura e educação.

Procurou-se, também, aprofundar os conhecimentos sobre outras questões igualmente necessárias à explanação e compreensão deste estudo, como por exemplo: cultura rural e cultura urbana e as dicotomias urbano x rural, dentre outras, igualmente necessárias à construção de uma lógica capaz de levar a uma explicação lúcida sobre a modalidade de ensino multisseriado, também tratado como educação do campo, foco de maior interesse neste e deste trabalho.

Ao se pesquisar os impactos entre o meio urbano e o meio rural veja-se o que afirma Abramovay, (1998): “Sé o meio rural for apenas a expressão, sempre minguada, do que vai restando das concentrações urbanas, ele se credencia, no máximo a receber políticas sociais que compensem sua inevitável decadência e pobreza” (ABRAMOVAY, 1998, p. 3).

Falou-se, ainda, sobre o município de Belém-PB, dando um rápido enfoque na sua história e nas suas manifestações culturais. Não se podia omitir um toque nesta questão. Como já foi citado neste trabalho, Belém, um município de extensão geograficamente limitada e uma população mínima de aproximadamente 17.083 habitantes (IBGE 2010) vem se destacando pelos talentos artístico–culturais; aptidões naturais do povo da terra. O que justifica essa abordagem, neste momento do trabalho, é que esses talentos alcançam alunos tanto da escola da zona rural como da escola da zona urbana. Estudantes deste município já se projetam internacionalmente. Alguns foram descobertos em gincanas escolares.

As entrevistas mostraram que o nível de qualificação dos Secretários de Educação, dos orientadores, professores e gestores escolares, é consideravelmente, significativo. Dos 239 professores apenas 04 estudam, ainda, o

Ensino Médio, 58 têm Pós-Graduação, 90 têm Licenciatura Plena, 37, o Curso Normal e 40 o Ensino Médio completo.

Todas as escolas têm prédio próprio, merenda, transporte escolar, material didático, e todos os professores e funcionários trabalham com os salários em dia. Todas as escolas do município têm Conselho Escolar, Projeto Pedagógico e Regimento Interno.

2 UMA REFLEXÃO SOBRE CULTURA

As diversas formas de conceituar o termo cultura podem se resumir, inicialmente, como sendo os aspectos de uma realidade social. Muitos associam a palavra cultura à ideia, apenas, de educação escolarizada. Quando se fala em cultura a primeira representação mental é remetida a área do conhecimento. Cultura não é um termo fácil de se conceituar; está sempre relacionado à educação, à sociologia, à antropologia, às artes, à filosofia, à psicologia e às teorias da comunicação.

2.1 O que é cultura

Houaiss (2001, p. 888)

1 AGR ação, processo ou efeito de cultivar a terra; lavra, cultivo (*c. do solo*) **1.1** *p.met.* AGR parte cultivada de um sítio, unidade produtiva ou região **1.2** *p.met.* AGR produto de tal cultivo; plantação, criação ou desenvolvimento com cuidados especiais (*c. do feijão, de rosas, do bicho-da-seda*) **2** AGR m.q. **CULTIVO** ('produção com técnicas especiais') **3** BIO cultivo de célula ou tecido vivos em uma solução contendo nutrientes adequados e em condições propícias à sobrevivência **4** criação de alguns animais (*c. de moluscos, de peixes*) **5** *fig.* o cabedal de conhecimentos, a ilustração, o saber de uma pessoa ou grupo social (*estudioso, possuía uma vasta c.*) **6** ANTRPOL conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes, etc. que distinguem um grupo social cf. *contracultura* **7** forma ou etapa evolutiva das tradições e valores intelectuais, morais, espirituais (de um lugar ou período específico); civilização (*c. clássica*) (*c. muçulmana*) **8** complexo de atividades, instituições, padrões sociais ligados à criação e difusão das belas-arts, ciências humanas e afins (*um governo que privilegiou a c.*) **c. alternativa** ANTRPOL SOC na *sociedade de consumo*, tendência a assumir atividades, linguagens, costumes, etc. que contrariam real ou supostamente (esp. do ponto de vista da produção ou do consumo) os padrões culturais estabelecidos (*os hippies dos anos de 1960 procuraram criar uma c. alternativa*). ***c. de massa** SOC **1** universo de formas culturais (p. ex., música, literatura, cinema) selecionadas, interpretadas e popularizadas pela indústria cultural e meios de comunicação de massa para disseminação junto ao maior público possível; indústria cultural **2** *pej.* conjunto de atitudes, linguagens, conhecimentos e costumes assim induzidos, que tendem freq. à estereotipagem e à simplificação e buscam satisfazer indiretamente interesses de determinados grupos sociais; indústria cultural. ***c. erudita** ANTRPOL SOC conjunto de conhecimentos acumulados e socialmente valorizados, que constituem patrimônio da sociedade. ***c. física** aprimoramento regular do organismo mediante a prática do esporte, da ginástica. ***c. oficial** ANTRPOL SOC

conjunto de atitudes, linguagens, conhecimentos, costumes etc. explícita ou implicitamente difundidos e estimulados pelos meios de comunicação mantidos ou utilizados pelo Estado e suas autoridades constituídas. *c. **popular** ANTRPOL SOC m.q. *FOLCLORE* ('conjunto de costumes') ETIM lat. Cultura, ae 'ação de cuidar, tratar, venerar (no sentido físico e moral)' [...]

Aurélio Buarque (1975, p. 409)

Cultura (Do lat. Cultura) s. f. 1. Ato, efeito ou modo de cultivar. 2. Cultivo (2). 3. O complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e doutros valores transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade; civilização: a cultura ocidental; a cultura dos esquimós. 4. O desenvolvimento de um grupo social, uma nação, etc. que é fruto do esforço coletivo pelo aprimoramento desses valores; civilização, progresso: A Grécia do sec. V. a. C. atingiu o mais alto grau de cultura de sua época. 5. Atividade e desenvolvimento intelectuais; saber, ilustração, instrução: ministério da Educação e Cultura; a cultura do espírito. 6. Apuro, esmero, elegância. 7. Criação de certos animais, em particular os microscópicos: cultura de carpas; cultura de germes. * **Cultura física**. Desenvolvimento sistemático do corpo humano por meio de ginástica e desportos.

Como se pode observar, o termo cultura tem um conceito abrangente, entretanto, a maioria das pessoas entende que a palavra cultura remete, apenas, à ideia de educação escolarizada, conforme já foi dito acima.

Cultura, como é sabido, está ligado, principalmente, a tudo que é produzido a partir da inteligência humana.

Boas (1964, p. 166) considera que a cultura é “a totalidade das reações e atividades mentais e físicas que caracterizam o comportamento dos indivíduos que compõem um grupo social”. Assim deve-se destacar:

A necessidade de sermos tolerantes com as diferenças, por perceber que o outro não é inferior, mas pode ser uma fonte de novas opiniões. Assim, cada povo traça sua própria história, uma ideia pioneira nas discussões sobre igualdade social que contrapõe a hegemonia teórica de seu tempo e se estendem até nossos dias. (ARAÚJO, 2009, p. 26).

Portanto, as palavras de Celso Castro, organizador e tradutor da obra Antropologia Cultural de Fraz Boas, explica seu entendimento:

A concepção humana boasiana de cultura tem como fundamento de que cada ser humano vê o mundo sob a perspectiva da cultura em que cresceu – em uma expressão que se tornou famosa, ele disse que estamos acorrentados aos “grilhões da tradição”. (BOAS, 2004, p. 18)

Em 1952, o antropólogo Alfredo Kroeber em uma pesquisa coletou, aproximadamente, cerca de 200 definições para o conceito de cultura. Uma pesquisa hoje poderia catalogar milhares. Portanto pode-se afirmar que cultura é um conceito polissêmico, ou seja, possui uma multiplicidade de sentidos que variam de acordo com o contexto (ARAÚJO, 2009).

A fim de oferecer uma noção mais clara do significado de cultura, seguem agrupadas algumas definições em categorias.

Em cerca de vinte e sete páginas de seu capítulo sobre o conceito Kluckhohn conseguiu definir cultura como: (1) o modo de vida global de um povo; (2) o legado social que o indivíduo adquire do seu grupo; (3) uma forma de pensar, sentir e acreditar; (4) uma abstração do comportamento; (5) uma teoria, elaborada pelo antropólogo sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comporta realmente; (6) um celeiro de aprendizagem em comum; (7) um conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes ; (8) comportamento aprendido; (9) um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento; (10) um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação aos outros homens; (11) um precipitado da história e voltando-se para o desespero, para as comparações, como um mapa, como uma peneira e como uma matriz (GEERTZ, 2008, p. 4).

Diferente dos teóricos anteriores Geertz traz a proposta de cultura como um mecanismo de controle do comportamento e, com o intuito de integrar os conceitos, defende e propõe duas ideias:

A primeira delas é que a cultura é melhor vista não como complexos de padrões conceitos de comportamentos – costume, usos, tradições, feixes de hábitos – como tem sido o caso até agora, mas como um conjunto de mecanismos de controle – planos, receitas, regras, instruções (o que os engenheiros de computação chamam de ‘programas’) para governar o comportamento. A segunda ideia é que o homem é precisamente o animal mais desesperadamente dependente de tais mecanismos de controle, extragenéticos, fora da pele, de tais programas culturais, para ordenar o seu comportamento (GEERTZ, 2008, p. 32-33).

Não seria conveniente falar em cultura sem apresentar o que ficou estabelecido na Constituição Federal Brasileira de 1988, Art. 216 que apresenta uma versão bastante objetiva:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I- as formas de expressão;

II- os modos de criar, fazer e viver;

III- as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV- as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-cultural;

V- os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

É impossível, então, retratar, segundo Cuche (2002, p. 18), a história da palavra cultura, devido a tantos significados diferentes. O importante é tomar consciência de que a palavra foi e continua a ser aplicada a diversas realidades.

2.2 Duas regiões, duas culturas

2.2.1 Breve conceituação de rural

Antes de adentrar sobre o estudo da cultura rural, achou-se conveniente ressaltar que o conceito de rural é outro tema que os estudiosos pensam de maneira divergente e que cada país tem critérios bastante distintos.

Frabetti (2006, p. 146), por exemplo, diz que o campo e a cidade são produtos da ação das sociedades humanas. Diz, entretanto, que “o campo representa o isolamento e a dispersão, já a cidade representa o encontro e a aglomeração; a centralidade”.

A crítica à dicotomia urbano x rural só encontrou eco no cenário sociológico com o fortalecimento e a solidificação da sociologia rural, que só ganhou

tal especificação devido a uma fraqueza momentânea do capitalismo. Esta área da sociologia evidencia que a relação entre rural e urbano nem sempre foi vista com foco somente em seus contrastes.

Ao se questionar se existe um método que possa definir o meio rural sem levar em conta seu desenvolvimento como sinônimo de urbanização ou seja, sua relação com as cidades, Abramovay (1984, p. 4) afirma que são bastante claros os impactos políticos que respondem a esta pergunta teórica “Se o meio rural for apenas a expressão, sempre minguada, do que vai restando das concentrações urbanas, ele se credencia, no máximo, a receber políticas sociais que compensem sua inevitável decadência e pobreza” (ABRAMOVAY, 1998, p. 3). Se pensamos diferente, verificamos que se as regiões rurais tiverem a capacidade de preencher funções necessárias a seus próprios habitantes e também às cidades, mas que estas próprias não podem produzir, então a noção de desenvolvimento poderá ser aplicada ao meio rural. (ABRAMOVAY, 1998, p. 3)

Para Abramovay (1998, p. 4), a demarcação do rural pode ser entendida de três formas:

a) A delimitação administrativa é usada no Brasil e, na América Latina também no Equador, na Guatemala, em El Salvador e na República Dominicana. As principais restrições que se pode fazer a esta abordagem podem ser assim resumidas:

1. o rural é definido, ao menos em parte, ao arbítrio dos poderes públicos municipais, em que as consequências fiscais da definição acabam sendo mais importantes que seus aspectos geográficos, sociais, econômicos ou culturais;
2. desde que haja extensão de serviços públicos a um certo aglomerado populacional, ele tenderá a ser definido como urbano: é assim que, no Brasil, as sedes de distrito com algumas centenas ou dezenas de casas são definidas como urbanas;
3. o rural tenderá a ser definido, em princípio, pela carência, o que não pode ser considerado um critério adequado sob qualquer ponto de vista.

b) Há países em que o peso econômico na ocupação de mão-de-obra da agricultura é o principal critério para a definição de ruralidade. Em Israel são urbanas as localidades onde 2/3 dos chefes de famílias exercem ocupações não agrícolas.

No Chile, além do patamar populacional (1.500 habitantes) a localidade rural deve ter menos de 50% de seus habitantes ocupados em atividades secundárias (ABRAMOVAY, 1998, p. 4)

2.2.2 Cultura urbana e cultura rural

Conceito de Urbano (Houaiss, 2001, P. 2.809)

urbano adj. **1** Dotado de urbanidade; afável, civilizado, cortês **2** relativo ou pertencente à cidade, ou que lhe é próprio (política u.) (paisagem u.) (transporte u.) **3** que tem caráter de cidade (ajuntamento u.) **4** que ou o que vive na cidade, tem ocupação e hábitos típicos da vida da cidade (população u.) (casou-se com um u.) p.opos. a *rural*. ETIM. Lat. urbanus, a, um da cidade, urbano, fig, polido, fino; SIN/VAR ver antonímia de malvado, caipira, malcriado e tolo e sinonímia de meganha ANT abestalhado, descortês, inurbano, rural, rústico; ver tb, antononímia de caipira, malcriado e tolo. (HAUAISS, 2001)

Como se pode ver a palavra urbano vem do latim e significa “o que é próprio da cidade”.

Considere-se, portanto, que a cidade é um polo onde se reúnem ou podem se reunir diversidades de etnias, interesses e classes. Seus habitantes podem se tornar agentes culturais ativos, que tanto acrescentam como modificam o ambiente cultural onde vivem. Vendo-se por esse ângulo cultura urbana pode ser conceituada como uma mesclagem de culturas, como a expressão de grupos que desenvolvem suas atividades e ações na rua, nos bairros, em espaços públicos, criando novas possibilidades e novas sociabilidades. Tudo depende da região e do povo que nela habita que precisa se organizar para poder viver e estabelecer sua identidade. Assim, conseqüentemente, surgirão pontos de interesse que remetem ao resgate da cidadania trabalhando, inclusive, com a formação do indivíduo. A cultura urbana se populariza, cria características fortes, a ponto de não poder mais ser ignorada. É importante que a cultura urbana de cada região seja considerada como cultura e forma de organização social.

Convém destacar que a urbanização desfaz os laços simbólicos ligados à vida comunitária rural e os vinculados à nobreza, surgindo, juntamente com a

Revolução industrial, a cultura de massa, tornando o país cada vez mais urbano. Para Rosas (2010, p. 22) com a divisão social e territorial do trabalho, teve começo essa dicotomia do rural e urbano. A partir dessas comunidades agrárias, surgiram as cidades, frutos dessa divisão.

É evidente, também, que o avanço do processo de urbanização tem modificado muito o espaço rural em diversas partes do país e do mundo, principalmente, nas proximidades dos centros urbanos. Dado o distanciamento criado entre os dois espaços (urbano-rural) parece evidente a necessidade irreal de que aquilo que é definido como rural deve ser urbanizado.

Isto geralmente acontece porque o capitalismo ressalta marcadamente a semelhança do rural com o atraso e do urbano com a evolução. Ora, se o sistema econômico vigente coloca tamanho equívoco como uma verdade, a mídia reproduz a ideia nas áreas rurais, despertando nos seus sujeitos um falso desejo de progresso, materializado por meio da migração para os grandes centros urbanos.

Despertar a população rural a migrar para os grandes centros urbanos em busca de uma vida civilizada significa estimular o crescimento da miséria e violência nestes espaços. Estas iniciativas geralmente e conseqüentemente concorrem para a expansão das favelas e desordem urbana, levando a antiga população rural a viver de forma subumana nos centros tidos evoluídos e civilizados.

Portanto, essas pessoas não estão se urbanizando, mas se desruralizando, já que não vivem os padrões da urbanização (água, esgoto, energia elétrica, asfalto, telefone, televisão, entre outros), e criam uma nova fronteira entre o urbano e o rural, denominadas regiões deprimidas ou estagnadas, não sendo considerada urbana nem rural, mas uma nova área de subterfúgio de marginalizados do meio urbano e principalmente do rural. Essas transformações ocorrem em um palco específico, a natureza, um espaço construído historicamente, moldado de acordo com os interesses das sociedades de cada época e de cada lugar (ROSAS, 2010. P. 36-37)

Falando-se aqui do espaço rural, incluem-se sua população, sua cultura e seu meio ambiente. Assim, na relação entre áreas rurais e urbanas, deve ser garantido o respeito às relações sócio-econômicas e culturais. Com isso “a passagem de uma comunidade rural para outra urbana se realiza de maneira gradual, de tal modo que entre o urbano e a ruralidade não há uma ruptura e sim uma continuidade” (DURAN apud WANDERLEY, 2000, P. 23).

A modernização da sociedade nos espaços locais/rurais tem como fundamento a crescente paridade social, isto é a similitude entre as condições de vida das populações que vivem nas cidades e no meio rural e a também crescente disponibilidade, no meio rural, daquilo que ainda é definido como o padrão de conforto urbano. O meio rural espelha hoje o perfil social de cada uma das sociedades modernas avançadas, nele predominando, conforme o caso, a classe média, os operários, ou ainda certas categorias especiais, tais como os aposentados. Se as relações com a vida urbana não permitem que se falem mais em situações de isolamento e oposição, parece evidente que a residência no meio rural expressa cada vez mais uma escolha que não é outra senão, como afirma Mendras, uma escolha por um certo modo de vida (WANDERLEY, 2000, P. 23).

Fica entendido que, dependendo do espaço analisado, (urbano ou rural), pode se observar a escala das mudanças ocorridas, visto que as transformações só podem ser analisadas quando os motivos são conhecidos. O que caracteriza são as influências internas e externas atuando em um espaço de tempo lento, mas em constantes transformações, cujos atores sociais são dimensionados no cenário como construtores do território, necessitando de apoio externo e buscando alternativas para sua atividade produtiva. Há uma tendência de se procurar no campo, através de suas histórias, novas fontes de valorização de cultura, agregando valor aos produtos de grande demanda e transformando-os para atender aos anseios de uma sociedade consumidora que se encontra cada vez mais exigente.

É, portanto, neste contexto atual que vem surgindo a criação de novos valores culturais que, agregado aos valores existentes, ganham nova formatação, o que, na verdade, pode ser sentido ou entendido como a ocorrência natural de

transformações, já que o que valoriza mais atualmente são as ideias, o pensamento inovador. Daí a importância da preservação da identidade.

É de fato abrangente o conceito de cultura. Todavia destaque-se que quando se tratar da relação entre áreas rurais e urbanas deve ser assegurado o respeito às relações sócio-econômicas e culturais.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa pretende conhecer, apenas como amostragem, a situação da educação das escolas públicas do município de Belém, estado da Paraíba.

Deu-se preferência às escolas da Zona Rural porque esta pesquisa tem como foco o Ensino Multisseriado e essa modalidade de ensino só existe nas escolas no campo.

A abordagem da pesquisa utilizada será de natureza qualitativa realizada por meio de consultas bibliográficas; entrevistas com os secretários de educação, coordenadores e demais funcionários pertencentes à Secretaria de Educação do município de Belém.

Trata-se de uma pesquisa descritiva e tem como base a consideração e a atribuição de significados, não requerendo o uso de métodos e técnicas estatísticas.

Para a realização desta pesquisa decidiu-se, também, pelos seguintes procedimentos técnicos: pesquisa bibliográfica de cada um dos assuntos necessários ao esclarecimento e desenvolvimento do que se pretende explicar; visita à Secretaria de Educação deste município, e visita às escolas da zona rural do mesmo.

Esses procedimentos podem, igualmente, ser descritos como uma conjunção da pesquisa bibliográfica, exploratória e não experimental.

a) Delimitação

A pesquisa foi realizada nos meses de agosto e setembro de 2014.

O município de Belém foi escolhido por ser a sede onde reside a pesquisadora o que muito facilitou à coleta dos dados.

b) Universo, população e amostra

O município de Belém-PB tem uma área territorial de 100,143 K2 (IBGE 2008). Está localizado na Zona Fisiológica do Piemonte da Borborema. Apresenta um relevo caracterizado por uma superfície de pediplanação, monótona, cortada por vales, estreitos e serras. O relevo assim acidentado e o clima chuvoso favorece a deterioração das estradas dificultando o acesso às escolas da zona rural, sobretudo, na época invernal. Este problema interferiu no número de escolas visitadas, bem como, na amplitude das informações sem, contudo, prejudicar a consecução dos resultados.

Foram realizadas entrevistas com o Secretário de Educação, com a Secretária Executiva, com a Secretária Adjunta, gestores e professores de escolas da zona rural do município. Foram entrevistadas, ainda, a Coordenadora de Educação Especial, a Coordenadora de Educação do Campo, a Coordenadora do PNAIC e a Coordenadora de Educação de Jovens e Adultos – EJA, Supervisores Escolares, professores e alunos da zona rural.

O cálculo da amostra de professores e alunos são informações estatísticas sobre a rede escolar do município, fornecidas pela Secretaria de Educação do mesmo e pelo IBGE.

Além de verificar o atual contexto da educação e da cultura do município procurou-se, também, identificar mudanças e perspectivas de novos projetos para melhoria da educação e da aprendizagem dos estudantes das escolas da zona rural deste município.

4 EDUCAÇÃO

Educação como cultura é um termo de grande alcance conceitual. Por isso é difícil encontrar um método particular simples capaz de defini-la. O sujeito educador trabalha o processo de educar; ensinar, instruir, mas tem dificuldade em indicar-lhe o verdadeiro sentido, a significação precisa.

Segundo Houaiss, educar é dar a alguém todos os cuidados necessários ao pleno desenvolvimento de sua personalidade; é transmitir saber. E educação seria, então, o ato ou o processo de educar (se) bem como qualquer estágio desse processo (HOUAISS, 2001)

Aurélio Buarque registra educação como ato ou efeito de educar (se). Como processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando a sua melhor integração individual; o cabedal científico, e os métodos empregados na obtenção de tais resultados; instrução, ensino. [...] (BUARQUE, 1975, p. 499.)

Pesquisa-se os dicionários e até esses mestres economizam no conceito de educação.

De tão simples conceitos compreende-se que o ato de educar é de suma importância para a construção de uma sociedade mais justa e mais democrática para a formação de jovens e adultos com qualidade.

E para a educação de jovens e adultos não é a percepção de que as pessoas são portadoras de cultura e que dominam uma série de conhecimentos que prevalece, mas sim as várias maneiras eficientes de assegurar os direitos humanos

e permitir que cada um possa exercer sua cidadania, a diversidade cultural evitando, assim, a discriminação e promovendo a solidariedade e a inclusão.

Implicações ocorrerão como, por exemplo, partir dos saberes e conhecimentos que o educador já tem, e que o jovem traz de sua vivência familiar e do seu convívio social. Mas é claro que aprende-se estabelecendo relações entre o que já se sabe e o novo que se nos apresenta. Logo, a escola pode ser o local de diálogo, de aprender a conviver e vivenciar a própria cultura, respeitando as diversidades de formas nas quais se expressa. As diferenças são vistas como fator de enriquecimento e não como obstáculo para a aprendizagem.

É irrefutável que educação e cultura fazem parte de um mesmo campo compondo uma rede de saberes em prol do desenvolvimento da sociedade.

Segundo Gramsci (1982, p. 118), atualmente existe uma tendência de por fim em qualquer tipo de escola que não seja desinteressada (não imediatamente interessada) e formativa e para conseguir essa problemática de modo racional, só existe uma linha a se perseguir, que seria uma escola única inicial de cultura geral, humanista, formativa que equilibre o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente (tecnicamente, industrialmente) e o desenvolvimento das capacidades de trabalho intelectual.

Deve-se levar em consideração a tendência em desenvolvimento, segundo a qual cada atividade prática tende a criar para si uma escola especializada própria, do mesmo modo como cada atividade intelectual tende a criar círculos próprios de cultura, que assumem a função de instruções nas quais seja possível manter-se a par dos progressos que ocorrem no ramo científico próprio. (GRAMSCI, 1982, p. 119)

Embora muitos pensadores tenham-se dedicado ao conceito de educação, John Dewey (1979, p. 171), uma das maiores competências sobre o assunto, afirma de forma breve porém bastante significativa: “a educação é um processo social, e desenvolvimento. Não é a preparação para a vida é a própria

vida.” Este conceito, expressão de uma grande autoridade em educação vai coincidir com a conceituação das pessoas comuns a quem se fez referência anteriormente.

Seja como for, é difícil encontrar um método particular e simples para definir a educação. Mas é possível compreender o seu significado se atentarmos para o que dizem sobre ela os legisladores, pedagogos e professores. Além desses, com bases teóricas, os filósofos, pensadores sociólogos, antropólogos e cientistas sociais muito têm a acrescentar sobre o assunto.

Dos espaços relevantes para se realizar o processo de educação dos cidadãos, em princípio, a escola teria a responsabilidade de ser mais um dos elementos auxiliares para o desenvolvimento de uma gente mais orgulhosa das suas origens, dos seus costumes, das suas artes que vão muito além dos perfis simplistas, rotulados e caricaturados.

Veja-se o que diz Rocha:

A relação entre a educação e a cultura é, portanto, mais do que apenas próxima. Ela é absolutamente íntima, interativa, inclusiva. Muitas vezes, tal como acontece em outras áreas de práticas sociais vizinhas – como a saúde, a comunicação, a ação ambiental, etc. – Costumamos separar a parte do todo. E, assim, pensamos, por exemplo, que a educação, a pedagogia, o ensinar-e-aprender possuem uma relativa ou mesmo uma ampla autonomia. Essa será a razão pela qual em todo o mundo tardamos tanto a compreender o que a educação é – como tudo o mais que é humano e é criação de seres humanos – uma dimensão, uma esfera interativa e interligada com outras, um elo ou uma trama (no bom sentido da palavra) na teia de símbolos e saberes, de sentidos e significados, como também de códigos, de instituições que configuram uma cultura, uma pluralidade interconectada (não raro, entre acordos e conflitos) de culturas e entre culturas, situadas em uma ou entre culturas, situadas em uma ou entre várias sociedades (ROCHA, 2009, p. 12).

É quase impossível separar os conceitos educação/cultura. São significados que se interligam e muitas vezes se confundem. Freire, (1987, p. 80) na sua labuta com a educação e pela educação, sempre teve a preocupação com a cultura. Quando assessorou projetos na África ao tratar do problema da cultura e

identidade cultural, quando os colonizadores afirmavam que somente eles tinham cultura e que antes de sua chegada, a África não tinha cultura, nem história, Freire rebate:

Todos os povos têm cultura, porque trabalham, porque transformam o mundo e, ao transformá-lo se transformam. A dança do povo é cultura. A música do povo é cultura, como cultura é também a forma como o povo cultiva a terra. Cultura é também a maneira que o povo tem de andar, de sorrir de falar, de cantar, enquanto trabalha. O calulu é cultura, como cultura é o gosto das comidas. Cultura são instrumentos que o Povo entende e expressa o seu mundo e como o Povo se compreende nas suas relações com o seu mundo. Cultura é o ritmo do tambor. Cultura é o gingar dos corpos do Povo ao ritmo dos tambores (FREIRE, 1989 p, 71).

4.1. Mestres e Pensadores da Educação

Seria uma incoerência, que numa pesquisa que verse sobre a temática “educação”, omita-se uma abordagem sobre os filósofos e pensadores, que incansavelmente, dedicaram-se a tão nobre causa promovendo uma revolução de ideias, abrindo discussões valiosas, incitando movimentos significativos e que numa dedicação vocacional criaram e modernizaram conceitos, desenvolveram métodos, hoje, mundialmente conhecidos, respeitados e aceitos.

Destaque-se, então, Paulo Freire (1999), que quando escreveu um de seus primeiros livros, “Educação como prática da liberdade”, no qual faz uma análise sobre suas experiências pedagógicas e reitera sua concepção de educação conscientizadora. Em “Extensão ou comunicação?” (1979), faz considerações sobre a questão da comunicação no meio rural e discute o conceito de invasão cultural. Num outro trabalho, “Ação cultural para a liberdade” (1981), Paulo Freire sugere um processo pedagógico em que a compreensão do ato de ler seja a partir do seu contexto social. Estes três primeiros livros foram responsáveis por dar forma ao que se considera o “Método Paulo Freire”. Na sua labuta como escritor, Paulo Freire

alcançou o ponto mais alto com sua obra prima a “Pedagogia do oprimido” (1970), que é vista como a mais radical proposta pedagógica pensada a partir da realidade do terceiro mundo onde se destaca a ideia que todo processo educativo é um processo político.

Nesta pequena descrição da bibliografia de Paulo Freire, que mesmo distante de suas origens, desterrado de sua Pátria, exilado, Freire nunca deixou de dar importância e registrar sua contribuição para a educação do povo do seu país.

Paulo Freire é destaque na concepção de educação no Brasil, porém outros grandes estudiosos também se destacaram. Freire atém-se mais ao lado libertador da educação, entretanto, alguns pensadores buscam definições, outros classificações e outros mais procuram destacar os métodos. O importante é que essa diversidade de posicionamentos ideológicos sobre a educação acaba se incorporando abrindo espaço nas discussões e por fim passa a fazer parte das grandes preocupações políticas, como saúde, transporte ou segurança.

Grossi (2000, p. 211) fala três nomes que se sobressaem por suas qualidades inquestionáveis, de grande mérito para educação: Piaget, Emílio Ferrero e Paulo Freire.

Aprender repousa sobre um tripé essencial construído pelo sujeito que aprende, por aquilo que ele aprende (o objeto do conhecimento) e pelo outro. Estas ideias já são frutos da contribuição de Piaget, Emílio Ferrero e Paulo Freire, entre tantos outros pensadores que refletiram ou vêm refletindo sobre o que é aprender e, como contrapartida sobre o que é ensinar. Todos os três são pensadores da educação, cada um em canto próprio e diferente, nem todos eles educadores. (GROSSI, 2000, p. 211-212).

Myles Horton, norte-americano e Paulo Freire, brasileiro e nordestino comungavam as ideias e posturas libertárias, que acreditavam que a verdadeira libertação se realiza pela participação popular [...]

5 O MUNICÍPIO DE BELÉM

5.1. Caracterização do município de Belém.

Belém é um município brasileiro, localizado no estado da Paraíba, possui 100,143 Km², 54 comunidades rurais e um distrito (distrito de Rua Nova) e o distrito sede. Tem uma população de 17.083 hab. (IBGE/2010), uma densidade de 170.59 hab/m² com uma altitude de 150m, um clima tropical AS, e fuso horário UTC-3. Faz parte da microrregião Guarabira (IBGE/2008), situa-se no Agreste paraibano (IBGE/2008) pertence à região metropolitana de Guarabira; limita-se ao Norte com Caiçara e Campo de Santana; ao Sul com Píripituba, ao Leste com Serra da Raiz e Sertãozinho, e a Oeste com Bananeiras.

Belém localiza-se a 123 quilômetros da capital João Pessoa.

Está o município situado na zona Fisiográfica do Piemonte da Borborema com um relevo suave ou ondulado, cortado por vales, estreitos, com vertentes dissecadas e rochas cristalinas Registram-se como principais serras: Suspiro, Jenipapo, Lagoa de Serra, Angelin, Camucá e Baiano.

O município tem clima tropical, quente e úmido (AS') com chuvas concentradas de outono a inverno, influenciado por localizar-se numa área de transição entre o clima úmido do litoral e o semiárido do sertão. De acordo com o levantamento cartográfico realizado pela SUDEMA, a temperatura média do município fica em torno de 26 a 27 graus célsius, com pluviosidade média anual de 1000 a 1200 milímetros, e uma insolação média de 2600 a 2700 horas a mais.

5.2. Manifestações culturais

O município de Belém tem como base de cultura as expressões populares. São diversos folguedos: danças e apresentações populares, como boi-

de-reis, pastoril, ciranda, carnaval (hoje bastante decaído), festas religiosas - Natal e festa da padroeira Nossa Senhora da Conceição.

O boi-de-reis era conhecido como o boi de Luís Camilo por ter sido ele o fundador deste folguedo em 1950. O boi de Luís Camilo foi destaque em diversas cidades da Paraíba e do Rio Grande do Norte.

O Sr. José Vieira da Silva, conhecido com Seu Donato, começou a trabalhar no boi-de-reis de Luís Camilo aos 16 anos. Tornou-se seu sócio e o substituiu posteriormente. Seu Donato é vivo e reside à rua Joaquim Mendes, nº 50, Belém-PB.

O boi-de-reis costumava fazer parte dos eventos de encerramento das escolas da zona urbana e rural do município.

No artesanato destaca-se Henrique José Gonçalves (Henrique Santeiro), assim cognominado por esculpir imagens sacras. Seus trabalhos mereceram publicação na 3ª edição do Atlas Escolar da Paraíba da Editora Grafset. O Sr. Henrique Santeiro residia no sítio Angelim, deste município.

O pastoril era um folguedo muito presente nas festas de final de ano. Acontecia não só na cidade como na zona rural. Era costume, as escolas municipais dos sítios, também, encerrarem o ano com uma festa de pastoril. As principais representantes desse folguedo são Joana Ferreira Teixeira (dona Nita da catequese) Elisa Alves (Elisa de Quinca) e Cecília Januário.

O hino de Belém tem letra e música do Sr. José Costa Silva, conhecido como Zé de Artur, músico, compositor e sanfoneiro, um artista completo. Até onde se sabe nunca estudou música. Na escola cursou até a 4ª série do ensino primário do seu tempo. O hino de Belém foi interpretado musicalmente pela belenense Marta Amarante, estudante da E.E.E.F.M. Eng. Márcia Guedes Alcoforado de Carvalho de

Belém e por Valter Batista, radialista da Rádio Talismã desta cidade. Valter Batista cursou o Ensino Fundamental II, também, no colégio Márcia Guedes.

Em uma das gincanas do colégio Márcia Guedes foi descoberto o talento artístico do jovem belenense Ribamar Rodrigues de Almeida. Ribamar foi encaminhado para Recife onde fez parte do Grupo de Dança de Rua da UFPE. Daí seguiu para o Rio de Janeiro, destacando-se num importante grupo de dança daquele estado. Hoje incorpora um relevante corpo de balé da Alemanha que o projetou internacionalmente.

Destaque-se em Belém o Sr. Manoel Batista, poeta, repentista e embolador de coco, que tinha como parceiro o Sr. Romano Elias, romancista de cordel. Todos os filhos de Manoel Batista, e vários netos seguiram a profissão do pai e avô. Só os netos sabem ler. Apesar de morar na cidade o Sr. Manoel Batista e os filhos tem raízes na zona rural e todos são analfabetos.

Atualmente o maior evento cultural de Belém é a festa de São Pedro.

Em 1997 o Sr. José Cristian Dantas de Assis, também filho de Belém, advogado e professor de educação física do Márcia Guedes, ocupava, na prefeitura, o cargo de Secretário de Cultura, Esporte e Turismo do município. Criou vários projetos para a Secretaria, dentre eles o projeto que propunha a criação da festa do São Pedro. Tarcísio Marcelo Barbosa, então, prefeito em exercício, deferiu o pedido. Nasce o São Pedro de Belém. Os prefeitos subsequentes tomaram como ponto de honra realizar o evento que vem há 17 anos enaltecendo a cidade, prestigiado por artistas de vulto da música popular brasileira, como Zé Ramalho, Fagner, Leonardo, Cláudia Leite (Babado Novo) Mastruz com Leite, dentre outros.

Da terra, consagrados pela festa de São Pedro, destaque-se: Marrom e Filhos da Paraíba; Chiquinho de Belém (ex. músico da banda Magníficos) sanfoneiro

de valor, Marronzinho e Edna Monteiro (vocalistas da banda Explosão Nordestina); Nildo dos Teclados, Eziélio Show, dentre outros. Em tempo, registre-se que Marron e Marronzinho são filho e neto de Manoel Batista, respectivamente.

O São Pedro não só divulgou o nome da cidade, não só divulgou artistas da terra, como é um evento, hoje, reconhecido como uma das principais festas juninas da Paraíba.

5.3. Aspectos da história do município

Para ASSIS (2007) a história de Belém pode ser resumida da seguinte forma:

Até agosto de 1957 Belém restringe-se a uma pequena vila pertencente ao município de Caiçara, conhecida, por todos, como Belém de Caiçara.

A imponente arrancada do seu comércio, a privilegiada localização geográfica e o espírito hospitaleiro do seu povo, desde logo, deferiram-na como uma terra destinada ao progresso; progresso esse vislumbrado através da sua natural receptividade ao novo, ao belo, ao desconhecido.

O clima ameno favorecia a agricultura, entretanto foi o comércio o carro chefe da sua prosperidade, confirmada hoje pela proliferação e pelo sucesso dos estabelecimentos comerciais e até pelo advento da indústria.

Belém tendo uma vida comercial efetiva e uma economia próspera ocupa entre as cidades circunvizinhas uma posição de destaque, privilégio que lhe garante a demanda de novos moradores, novos investidores. Assim, Belém projeta-se no tempo e no espaço, conduzida por um povo firme, gente de fé, engajada no bem comum e promotora da paz. Em 1957 o povo já amadurecido luta pela emancipação do município, assinada pelo, então, governador da Paraíba Dr. Flávio Ribeiro Coutinho, em 06 de setembro de 1957. (ASSIS, 2007, p. 1).

5.4. A questão educacional

O município de Belém tem três escolas estaduais: a Escola de Ensino Fundamental e Médio Engenheira Márcia Guedes Alcoforado de Carvalho, a Escola de Ensino Fundamental Felinto Elízio, ambas situadas na cidade, e a Escola

Estadual de Ensino Fundamental Rosa dos Santos que funciona na vila de Rua Nova.

Segundo dados da Secretaria de Educação, a rede municipal de ensino dispõe de dezenove unidades escolares. São oito escolas na zona urbana, incluindo o distrito de Rua Nova e onze na zona rural.

Escolas Municipais - Zona Urbana

a) **E. M. E. I. E. F. Francisca Leite Braga**

Ensino Fundamental 1

Rua Abdias Machado

b) **E. M. E. F. Anita de Melo Barbosa**

Rua Trav. Cloves Bezerra

Ensino Fundamental 2

c) **E. M. E. I. E. F. Afonso Astrogildo de Paula**

Ensino Fundamental 1

Rua Virgílio Cruz

d) **E. M. E. I. E. F. Elvira Silveira da Costa**

Ensino Fundamental 1

Rua Francisco Carneiro

e) **E. M. E. I. E. F. Cláudio Cantalice Viana**

Ensino Fundamental 1

Distrito Rua Nova

f) **E. M. E. F. Alice de Melo Viana**

Ensino Fundamental 2

Distrito de Rua Nova

g) **Creche Pré Escola Formozina Maria da Conceição**

Educação Infantil – Pré 1 e 2

Distrito Rua Nova

h) **Creche Pré Escolar Lucila Ramalho**

Educação Infantil – Pré 1 e 2

Rua Brasiliano da Costa

Escolas Municipais - Zona Rural

a) **E. M. E. I. E. F. Alexandre da Costa Lira**

Educação do Campo (multisseriado)

Sítio Boa Ventura

b) **E. M. E. I. E. F. de Caiçarinha**

Educação do Campo (multisseriado)

Sítio Retiro

c) **E. M. E. I. E. F. do Curimataú**

Educação do Campo (multisseriado)

Sítio Lagoa do Curimataú

d) **E. M. E. I. E. F. São José N° V**

Educação do Campo (multisseriado)

Sítio Forquilha

e) **E. M. E. I. E. F. de Mufumbo**

Educação do Campo (multisseriado)

Sítio Mufumbo

f) **E. M. E. I. E. F. Durval Soares**

Educação do Campo (multisseriado)

Sítio Saboeiro

g) **E. M. E. I. E. F. de Serraria**

Educação do Campo (multisseriado)

Sítio de Serraria

h) **E. M. E. I. E. F. Nossa Senhora da Luz**

Ensino Fundamental

Educação do Campo (multisseriado)

Sítio Angelim

i) **E. M. E. I. E. F. Luís Alexandrino da Silva**

Educação do Campo (multisseriado)

Sítio Gameleira

j) **E. M. E. I. E. F. Vicente Maurício de pontes**

Educação do Campo (multisseriado)

Sítio Nica

k) **E. M. E. I. E. F. de Sítio Suspiro**

Educação do Campo (multisseriado)

Sítio Suspiro

A rede municipal oferece dois centros de informática: o Centro municipal de Informática e o Laboratório de Informática Edvaldo Saraiva. O nome homenageia um filho de Belém que pertence ao quadro de funcionários da empresa Norte-Americana Microsoft.

Existe no município o ensino de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e o programa educacional Brasil Alfabetizado do Governo Federal.

Existe ainda na zona urbana a rede privada de Ensino com cinco escolas todas de ensino infantil e fundamental

- Educandário Aquarela

- Educandário Arco-íris

- Educandário Futuro da Criança
- Educandário Pedro Cardoso

6 ANÁLISE DOS DADOS

Feita uma revisão literária sobre educação, cultura e sistema educacional, o presente estudo chega à sua etapa analítica.

Aqui será apresentada a análise qualitativa dos dados coletados por meio de entrevistas.

Uma das condições necessárias para a realização da aprendizagem é que o ambiente escolar onde se realize o processo ensino/aprendizagem seja adequado para tal.

6.1 O sistema de ensino rural do município de Belém: o que diz a Secretaria de Educação.

[...] Sempre foi muito difícil ensinar na zona rural. Há um tempo atrás, a escola, que se resumia apenas numa sala de aula, era instalada na sala de visitas de uma residência do sítio. A dona da casa onde funcionava a escola geralmente tinha filhos pequenos; muitas vezes bebês. Como a escola ficava dentro de casa, as crianças invadiam a sala de aula, mexiam no material escolar dos alunos; outras vezes os bebês choravam. Essa situação perturbava o trabalho da professora e interferia na aprendizagem dos estudantes. Além disso tudo, havia, como ainda hoje há, um grande agravante: a modalidade do ensino multisseriado, também chamado de Ensino do Campo. Resultado: Existia a escola, o professor, os alunos, mas a aprendizagem propriamente dita, era muito fraca (professora da zona rural do município de Belém).

Segundo comentário de F.A o ensino municipal rural (terminologia da época) já foi muito precário. O professor transformava a sala de visitas de suas residências em salas de aula. O ensino era multisseriado e a professora muitas vezes só tinha o 3º ano primário. Sabe-se que uma das intenções da escola era alfabetizar o adulto para votar. Não existia nenhuma orientação pedagógica.

[...] Na zona rural, principalmente pelo fato de a escola situar-se em um ambiente isolado, tudo é muito complicado. Por exemplo, se falta água, se falta energia, se o telhado goteja; coisas assim muito urgentes fica difícil para resolver. No sítio não tem eletricista,

pedreiro, etc. É necessário recorrer à cidade. Hoje, as coisas já estão um pouco mais fáceis porque todas as escolas da zona rural tem prédio próprio. Isso facilita. Mas o maior inconveniente, o que realmente prejudica a aprendizagem, é a questão do ensino multisseriado. É difícil para o professor, difícil para os gestores, enfim, difícil para a consecução de uma boa aprendizagem. O conteúdo fica abaixo do desejado. Em consequência vem a repetência, a evasão escolar e o desestímulo tanto dos professores como dos alunos e até das famílias (gestor escolar do município de Belém).

Como se pode observar no depoimento de M.A, gestora escolar aposentada, a escola municipal da zona rural, completamente desassistida pelo órgão público, enfrentava problemas de ordem estrutural, problemas de transporte, problemas quanto à qualidade do ensino que na época já era multisseriado. Havia a questão da desistência, da reprovação e a realidade de o aluno trabalhar na roça e, ainda, o fato grave de o aluno ser adulto e analfabeto e não ter tempo para os estudar. Sem coordenação motora para escrever, a professora teria que pegar na mão desses alunos para aprenderem a assinar o nome e escrever outras palavras. Era a pedagogia do tempo. Reforça-se, então, a ideia de alfabetizar com interesse eleitoreiro.

[...] O ensino da zona rural deixa muito a desejar. A escola existe, os alunos existem, o professor, também. A escola da zona rural já passou por muitas inconveniências, como por exemplo, a questão das salas de aula instaladas nas residências das famílias dos sítios. Vê-se, também, que com a construção de prédio próprios, muitas dificuldades foram superadas, mas existe a reclamação de os alunos não corresponderem ao aprendizado, ao conteúdo programático. Os professores, mesmo qualificados, pouco conseguem fazer devido à modalidade do ensino multisseriado – estudo do campo (coordenadora pedagógica do município de Belém).

Segundo comentário da coordenadora pedagógica do município o grande problema do tempo e que ainda hoje persiste é o ensino multisseriado. Uma vergonha para educação e os avanços dos tempos atuais.

[...] A rede municipal de Educação de Belém tem 1600 alunos distribuídos por 21 escolas e assistidos por uma equipe de 239 professores. Na zona urbana são 4 escolas e 1 creche pré-escola. No distrito de Rua Nova (considerado zona urbana) são 2 escolas e uma creche pré-escola. Na zona rural eram 13 escolas, fecharam 2 por falta de estudantes na comunidade. Hoje são 11 escolas distribuídas pelos sítios e nenhuma creche. Todas as escolas e creches do município têm prédio próprio, carteiras suficientes, professor, gestor, merenda escolar. O município oferece transporte próprio para conduzir os alunos de suas residências para as escolas. É o caso, por exemplo, dos sítios de Forquilha, Gameleira e Nica. O pagamento dos professores é efetuado pontualmente. Todas as

escolas da zona urbana funcionam em 2 turnos e algumas em até 3. Todas tem gestores com nível de escolaridade superior. Todas as escolas municipais têm Conselho Escolar, Projeto Político Pedagógico e Regimento Interno. Nas escolas dos sítios quem faz o serviço de secretaria é o gestor. Se não fosse a modalidade de ensino multisseriado -estudo do campo, existente em todas as escolas da zona rural, a educação no município de Belém não deixava tanto a desejar. É muito constrangedor ver uma professora ensinar numa turma com alunos de várias séries na mesma sala de aula e no mesmo horário, a varias turmas de anos de ensinos diferentes. Reconhecemos que esse tipo de ensino não pode render nada (Secretário de Educação do município de Belém).

O secretário de educação do município dá informações mais detalhadas sobre o ensino municipal de Belém. Não se refere a épocas passadas mas detalha minuciosamente os avanços que vem alcançando o ensino municipal no momento atual. Todavia, declara ser constrangedor existir ainda hoje a modalidade de ensino multisseriado e como os demais entrevistados reconhece que esse tipo de ensino, não pode oferecer uma aprendizagem eficiente.

[...] Não se pode afirmar que o ensino municipal de Belém seja algo modelar. O que se pode dizer de real é que todas as escolas e creches do município tem prédio próprio, que os funcionários da educação recebem seus vencimentos em dia. Quanto ao corpo docente as notícias não podiam ser melhores, porque no que diz respeito ao nível de qualificação escolar dos professores a situação é muito boa. O ensino municipal de Belém trabalha com 58 professores de Pós-graduação, 90 professores com Licenciatura Plena, 40 com Ensino Médio, 37 com o Curso Normal e apenas 4 professores que ainda não completaram o ensino médio, ainda. É um resultado muito positivo e animador, porque vem correspondendo às exigências ditadas pelo MEC. (Secretária Adjunta da Secretaria de Educação Municipal de Belém).

A secretária adjunta da educação informa detalhadamente a questão da qualificação dos professores do município alegando que quanto a esse ponto os resultados são muito positivos.

Realmente a demanda de professores no sentido de fazer Licenciatura e Pós-Graduação é um fato real. Parece um acordar para as exigências da modernidade. Sabe-se da importância desse fato, mas é necessário compreender, também, que a qualidade do ensino necessita de outras providências e que qualificar o professor requer uma melhor remuneração. É preciso considerar também o tipo de contratação desses professores e procurar preencher a vacância da sala de aula através de concurso público.

[...] O ensino municipal de Belém nada tem de extraordinário. Apenas procuramos cumprir com seriedade a rotina dos ditames do MEC e

dos demais órgãos competentes. Todavia é bom explicar que sempre se procurou tratar a educação com muito cuidado, afinal estamos às voltas com o futuro da juventude belenense. Tentamos fazer um trabalho sério, procurando sempre, na medida do possível, corrigir as falhas que estão ao nosso alcance. Para responder sobre as modalidades de ensino podemos relatar o seguinte: o município tem Pré I e Pré II; Educação Infantil, de 0 a 4 anos; Ensino Fundamental I, de 1º ao 5º anos; Educação de Jovens e Adultos - EJA; Educação Inclusiva (pessoas com deficiências) –EE; Brasil Alfabetizado, um programa do Governo Federal; Ensino Multisseriado, este existente em todas as escolas da zona rural. A questão do Multisseriado é muito preocupante. Veja-se: uma sala com uma única professora dando aula, no mesmo horário e ao mesmo tempo, a alunos do Pré I, Pré II e alunos do 1º ao 5º anos, como é o caso da Escola do sítio Forquilha. E isso acontece com todas as escolas da zona rural deste município. Nessas condições é quase impossível haver aprendizagem. Uns aproveitam alguma coisa, outros não. Essa questão é muito preocupante e precisa ser discutida e avaliada por ser um caso que pede uma solução urgente, porque os alunos que estudam nessa modalidade de ensino ficam sempre prejudicados. O ensino nesse caso parece enganação. O ensino nesse caso parece enganação. Os prejuízos advindos da multisseriação são muitos. Os alunos na escola da zona urbana tem dificuldade para acompanhar o Fundamental II. Não tem base de conteúdo para tal. Consideramos isso um problema sério. É um problema de difícil solução, mas não de solução impossível. Por isso sugiro a construção de Centros Educacionais localizados em quatro pontos estratégicos da zona rural. Cada Centro receberia os alunos das escolas dos sítios mais próximos. Isso permitiria que a escola pudesse formar salas de aula por ano/série. Acreditamos que assim seria resolvido a qualidade do ensino na Educação do Campo. (Secretária Geral da Educação Municipal de Belém).

Foi possível perceber na expressão dos acima entrevistados que a escola municipal de Belém caminha razoavelmente bem. Todos confirmaram a presença de prédio próprio, pagamento do salário em dia, professores qualificados, merenda escolar de qualidade. Todos mostraram preocupação com a qualidade do ensino multisseriado. Mas, só a Secretária Geral do município apresentou uma proposta como solução do problema: A Construção de Centro Educacionais.

Percebe-se pela fala dos entrevistados, que o ensino municipal de Belém, no passado, sofreu muitas dificuldades, como por exemplo, salas de aula instaladas nas residências de famílias do sítio, motivo de grande dificuldade para a transmissão da aprendizagem.

Notou-se, também, nos depoimentos, que com a construção de prédios próprios muitos problemas foram solucionados.

As entrevistas mostraram que a educação do município de Belém vem procurando aproximar-se dos padrões norteados pelo MEC, porque o município já trabalha a educação com 58 professores de Pós-graduação, 90 com Licenciatura Plena, 40 com o Ensino Médio, 37 com o Curso Normal e apenas 4 professores que ainda não completaram o ensino médio. É um resultado, hoje, bastante considerável.

Foi informado, também, que todas as escolas do município têm professores, gestores, funcionários, transporte escolar, merenda e prédio próprio; Conselho Escolar, Projeto Político Pedagógico e Regimento Interno.

Todos os entrevistados foram unânimes ao afirmar que o grande entrave que pode macular a qualidade do ensino-aprendizagem da escola municipal da zona rural de Belém é a modalidade de ensino multisseriado.

A pesquisa mostrou também que a Secretária Executiva da Educação do município criou uma proposta significativa que poderia solucionar o problema do multisseriado. Seria a construção de Centros Educacionais na zona rural com estrutura física correspondente aos padrões do MEC. O que não seria tão difícil, porque, como disse a entrevistada, o prédio já existe, basta ampliá-lo.

A Secretária Executiva do município mostrou acreditar que essa medida extinguiria o ensino multisseriado e que com essa providência, a qualidade didático-pedagógica da educação da zona rural do município de Belém ficaria equiparada à qualidade do ensino da zona urbana.

Sabe-se que sempre existiu uma discriminação com o homem do campo. Considere-se que essa discriminação, hoje, transfere-se para a diferenciação da qualidade do ensino da cidade e o da educação do campo, ou seja, do ensino regular para o multisseriado. Acredita-se já ser tempo de se tomar uma providência

urgente para o caso. Quem sabe acatar a sugestão para a construção de um Centro Educacional no campo, conforme proposta acima referida, não seria uma boa iniciativa?

6.2 Visita às escolas do campo

As entrevistas com o pessoal da Educação apresentaram uma realidade irrepreensível do Campo. Isso motivou a necessidade



de visitar as entrevistas da Secretaria apresentou quase das Escolas do motivou a de visitar as

escolas a fim de constatar in loco a veracidade ou não dessa realidade.

O primeiro estabelecimento visitado foi a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental do Curimataú.

Figura 1 - E. M. E. I. E. F. do Curimataú
Fonte própria (10/2014)



Figura 2 - Fardamento dos Professores
Fonte própria (10/2014)

Foram entrevistadas a gestora da Escola D.N.S. e a professora H.M.M. Informaram que a Escola tem prédio próprio, duas salas de aula, dois banheiros, cozinha, secretaria e despensa.

Que existe Regimento Interno, Conselho Escolar e Plano Político Pedagógico. Que a escola acaba de ser reformada com recursos do PDDE – Programa do Dinheiro Direto na Escola.

A professora D.N.S acumula o cargo de gestora escolar e leciona no 3º, 4º e 5º anos. Tem Curso Superior e Pós – graduação.

Que a professora H.M.M. trabalha com a Educação Infantil, Pré I, Pré II e o 2º ano. Cursa Licenciatura Plena em Letras.

Que a escola funciona, também, como apoio religioso católico (missa a cada 15 dias) e como posto de saúde, inclusive com apoio Odontológico.

Há preocupação com a qualidade do ensino devido o multisseriado, que dentre outras desvantagens concorre para um ensino deficiente. Por isso os professores concordam com a construção dos Centros de Educação.

Informaram que o ordenado de todos os funcionários é pago em dia.

O segundo Estabelecimento de Ensino visitado foi a Escola de Ensino Infantil e Ensino Fundamental Durval Soares do Sítio Saboeiro.



A gestora da escola M.C.O.H informou que o prédio é próprio, tem duas salas de aula, dois banheiros, uma sala de leitura, uma secretaria e duas despensas.

Informou, também, ter Curso Superior e Pós – graduação. Leciona no Pré I, Pré II e 1º ano. Disse que a professora R.H.L tem curso superior, Pós – graduação e leciona no 2º, 3º, 4º e 5º ano.

Que a escola é assistida pelo PNAIC – Plano Nacional de Educação na Idade Certa, que tem merenda escolar de qualidade e que todos os funcionários recebem seus honorários em dia.

A terceira instituição escolar visitada foi a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental, Luís Alexandrino da Silva. Sítio Gameleira.



As informações foram fornecidas pela professora I.B.C.L.

A escola funciona em prédio próprio com 3 salas de aula, uma secretaria, cozinha, dois banheiros, dispensa, pátio de recreio interno e coberto.

São dois professores: J. E. C. F. que tem Curso Superior, acumula o cargo de gestor e leciona Pré I, Pré II e o 1º ano.

Figura 7 - E. M. E. I. E. F. Luís Alexandrino da Silva. Fonte própria (10/2014) ; **Figura 8 – Fardamento dos professores. Fonte própria (10/2014)**

Foi informado, também, que a Escola tem Coordenadora do Campo, que o nº de carteiras é limitado, existindo apenas a conta exata para os alunos que já estudam. Se aparecer alguma transferência o aluno não tem onde sentar.

Que a Escola, até agora, só recebeu do PDDE verba para o custeio – material escolar e mobiliário.

Quanto aos utensílios: tem geladeira, fogão industrial, liquidificador, ventiladores em todas as salas de aula, televisor, som pequeno e filtro.

Informou que a Escola de Forquilha como as demais escolas do campo, têm Regimento Interno, Conselho Escolar e Projeto Político Pedagógico.

Informou, também, que o PDDE tem dois tipos de verbas: custeio e capital.

Uma é para aquisição de material didático e a outra é para reforma. Informou, também, que a Escola de Forquilha recebe os dois tipos de verba. É bastante fazer o projeto, enviar para o MEC que o dinheiro vem.

Explicou que as Escolas do Campo se souberem trabalhar tem sempre recurso financeiro para, reformar a Escola, mobiliar, comprar material didático e para outras necessidades.

A professora e gestora V.M.S. informou ter Curso Superior e Pós – graduação. Ensina aos alunos do Pré I, Pré II e 1º ano. Informou, também que o ordenado de todos que trabalham na escola é pago pontualmente.

A professora M.G.C.S. disse ter Curso Superior em Pedagogia feito na UVA e que está fazendo Pós – graduação. Explicou ser insuportável ensinar a alunos de 2º, 3º, 4º 5º anos numa mesma turma; tanto que recorreu à gestora da escola para solicitar a contratação de uma outra professora. E assim foi contratada a A.M.S que informou ter ficado com o 4º e 5º anos.

A professora gestora V.M.S. informou, também, que a Escola tem assistência do PNAIC. Mas o multisseriado por mais que seja assistido oferece sempre uma educação de conteúdo inferior. Que a orientação recebida refere-se mais à metodologia, ensinando a trabalhar com as turmas multisseriadas. Mas que quanto ao conteúdo programático, se comparado ao do Ensino Regular, deixa muito a desejar. Afirmou que todos da Escola são a favor da proposta de construção de Centros Educacionais. Disse, também, já existir a perspectivas de fechar Escolas do Campo que tiverem o número de alunos muito reduzido.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chega-se, finalmente, a conclusão deste trabalho. O tema versou sobre Educação. Demandou esforço, conhecimento, pesquisa e muita dedicação, mas

longe de ser enfadonho, foi prazeroso e prazeroso, justamente, por se tratar de educação. Como disse o mestre John Dewey, “A educação não é a preparação para vida, é a própria vida”. Portanto, fazer este estudo foi sentir o prazer de viver.

No caso deste trabalho, a temática volta-se para a educação municipal de Belém, tendo como base o ensino rural e como foco um olhar diferenciado para a modalidade de ensino multisseriado.

Apesar do empenho e dos esforços direcionados à pesquisa literária e à coleta dos dados pesquisados por meio das entrevistas, não foi possível, como acontece em quase todo estudo desse nível, aclarar todas as dúvidas, responder a todas as interrogações, descortinar todas as incertezas. Algumas propostas e análises permaneceram obscuras enuviadas no emaranhado de ideias inseridas no contexto do que venha a ser o verdadeiro papel da educação e que poderão ser melhor examinadas e discutidas posteriormente, o que se espera venha a acontecer, de fato, com a problemática do ensino multisseriado.

Este estudo demandaria mais tempo e maior aprofundamento. Em todo caso valeu muito como aprendizado; como descoberta.

Buscamos numa pesquisa bibliográfica criteriosa, o suporte básico necessário ao esclarecimento do que se pretende explicar.

A literatura estudada mostrou vir de longe a noção de superioridade do urbano sobre o rural. O sujeito urbano sempre um privilegiado em detrimento do sujeito rural, tido como grosseiro; um despreparado para a vida.

Essa oposição alcança, também, a educação. Pelo menos é o que mostra a sua própria trajetória histórica que confirma a superioridade da escola da cidade sobre a escola do sítio reafirmando a vantagem ou a primazia do ensino urbano sobre o ensino rural.

Diante dessa perspectiva ousamos afirmar que, no Brasil, o analfabetismo do homem do campo possa ser responsabilizado por todos os preconceitos, sofridos por ele, o homem do campo, ao longo da história que o denotou como inculto, incapaz e marginalizado sócio e economicamente.

O rural tende a ser definido, em princípio, pela carência, o que não pode ser considerado um critério adequado sob qualquer ponto de vista.

Sabe-se que o ambiente rural, pelo seu natural isolamento, é complexo, que o sujeito do campo, pelas mesmas condições, é complexo e que conseqüentemente, sua cultura é escassa, todavia, sua capacidade de aprender, não. Portanto, não é justo que o limitemos à modalidade do ensino multisseriado.

Todos os textos procedentes das entrevistas foram, criteriosamente, analisados. Os dados obtidos forneceram uma razoável base de conhecimento sobre o ensino municipal de Belém.

As entrevistas revelaram a precariedade do ensino rural no passado, e num passado não tão distante. Os moradores dos sítios desejosos de ter uma escola na propriedade, cediam uma sala de sua residência, geralmente a sala de visitas, para funcionamento de uma escola naquela comunidade rural, muito embora, essa escola se resumisse, numa única dependência escolar onde funcionava o ensino multisseriado. Quase sempre a própria dona da casa era a professora e na maioria das vezes, despreparada para tal incumbência.

Em contraponto, hoje, todas as escolas da zona rural deste município funcionam em prédio próprio, construídos dentro dos padrões do Plano Nacional de Educação.

Segundo o que foi pesquisado nas entrevistas com autoridades da educação do município, pode-se afirmar, seguramente, que todas as escolas tem

merenda escolar de qualidade, material didático moderno, pagamento de professores e de funcionários em dia. Existe transporte escolar para conduzir os alunos da zona rural para a cidade onde cursam o Ensino Fundamental II. Existe, também, em todas as escolas municipais Conselho Escolar, Projeto Pedagógico e Regimento Interno. Todos os gestores de escola têm curso superior.

Em termos gerais, o ensino da rede municipal de Belém vem mostrando consideráveis avanços e procurando cumprir, na medida do possível, os ditames do MEC.

Todas as escolas da zona rural do município funcionam com o ensino multisseriado. Os entrevistados, por unanimidade, desaprovam essa modalidade de ensino por reconhecerem sua precariedade e ineficiência.

O município tem 6 escolas municipais na zona urbana e 11, na zona rural. Isso prova a superioridade do número de escolas da zona rural sobre o número de escolas da zona urbana. São muitos sítios, portanto, muitas escolas.

Tratando-se do ensino multisseriado e respondendo, apenas, pelo município de Belém, pode-se afirmar que a comunidade rural não tem aluno suficiente para formar turmas por ano/série de ensino, por exemplo: 1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos, de modo a justificar a formação de cinco turmas distribuídas em cinco salas separadas, conforme o ensino regular, oferecido na cidade. Já as escolas do sítio congregam alunos por anos/séries escolares formando uma única turma, numa mesma sala de aula, no mesmo horário e confiados a uma única professora. Nisso configura-se o ensino multisseriado. Apesar dessa heterogeneidade não se pode deixar de reconhecer a sua importância enquanto providência para escolarização dos sujeitos do campo. Mas é uma modalidade de ensino que não pode se perpetuar, nem ser reconhecida como satisfatória. A multisseriação é vista pelos

educadores como um ensino de segunda categoria e de difícil organização didático-pedagógica.

Visto por essa ótica compreende-se ou conclui-se que se todo o ensino oferecido na zona rural deste município funciona na modalidade multisseriada, a competência dos estudantes do sítio fica muito aquém da competência dos alunos da cidade. A escola da zona urbana, por ter ensino regular, pode viabilizar uma educação de qualidade. Pode cumprir os conteúdos programáticos. Já as escolas da zona rural, por força da condição multisseriada, não conseguem cumprir os conteúdos ficando, portanto, a aprendizagem incompleta. Configura-se, então, a grande dificuldade para a continuidade dos estudos no Ensino Fundamental II. Essa dificuldade arrasta-se pelo ensino médio e alcança o ensino superior, proporcionando, também aí, dificuldades de continuação. Por maior que seja a boa intenção do governo federal, nem o PNAIC, que neste município é coordenado pela UFPB, nem o sistema de cotas são capazes de resolver um problema de incompetência educacional adquirido na base do Ensino Fundamental.

Conforme o exposto acima, segundo as pesquisas, os alunos do Ensino Fundamental I, da zona rural deste município, têm dificuldade para dar continuidade aos estudos do Ensino Fundamental II, o que não ocorre com os alunos que estudam na zona urbana.

É pasmo reconhecer que a escola da zona rural pareça existir, apenas, para dar uma satisfação social; apenas como justificativa comprobatória de que todos estão na escola; apenas como algo estatístico. Entretanto, escola não é prédio, nem merenda, nem transporte escolar, nem aluno, nem gestor, nem professor.

Escola é o universo de tudo isso, mas, se nesse universo, realmente, acontecer o crescimento e o desenvolvimento cultural e intelectual do aluno enquanto sujeito que aprende; enquanto sujeito capaz de prosseguir tendo um suporte de conhecimento que lhe possibilite acompanhar, com segurança, outros níveis de estudos e de aprendizagem, que o promovam a outros padrões sociais e culturais.

De outra forma, o futuro do sujeito campesino fraqueja porque a escola existe, o professor existe, o aluno existe, o material escolar existe, a merenda escolar existe, o transporte escolar existe, os gastos com a educação, tudo enfim, que possa justificar a presença de uma escola e de um número de alunos matriculados. O que de fato justificaria essa atitude, ou seja essa despesa toda com a educação, seria, como ficou explicado acima, o resultado do ato de educar ou seja, desenvolver as faculdades intelectuais da criança, do adolescente e do jovem. Mas como conseguir tão nobres objetivos se o ensino multisseriado limita a extensão da aprendizagem?

Segundo a análise das entrevistas, fica evidente a preocupação de todos os entrevistados com a problemática do ensino multisseriado.

A Secretária Executiva da Educação, quando entrevistada, apresentou uma proposta, que a seu ver, poderia solucionar o problema da deficiência do ensino da zona rural: a construção de Centros Educacionais. Esclareceu que o ensino multisseriado ou educação do campo só existe porque a comunidade rural onde fica cada escola do sítio não tem aluno suficiente para formar sala de aula por ano/série de ensino.

Com a permissão da Secretária Executiva da Educação aqui apresentamos a sua proposta:

1. Centro Educacional de Forquilha, construído no sítio Forquilha. Neste centro estudariam os alunos do próprio sítio, bem como, os alunos dos sítios circunvizinhos, a saber: Saboeiro, Gameleira e Lagoa do Curimataú;
2. Centro Educacional de Serraria, construído no sítio do mesmo nome. Lá estudariam os alunos da própria escola de Serraria e os alunos dos sítios circunvizinhos: Boa Ventura e Suspiro;
3. Centro Educacional de Caiçarinha. Neste estudariam os alunos da escola do próprio sítio, Caiçarinha e os alunos do Sítio Nica;
4. Centro Educacional de Angelim. Neste estudariam os alunos da escola do próprio sítio e os alunos da escola do sítio Mufumbo.

Segundo a proposta da Secretária, os Centros Educacionais deveriam ser construídos conforme as normas do Plano Nacional de Educação, ou seja, teriam a seguinte estrutura física: sala de aula por séries; sala de informática; sala para diretoria; sala para secretaria; sala para professores; sala para repouso; biblioteca; área de laser; quadra esportiva; sala multifuncional; brinquedoteca; refeitório; auditório; cantinho de leitura; cozinha; área de serviço; acessibilidade; banheiros adequados para crianças e adultos; dispensa; depósito para material de apoio.

Acrescentou, ainda, a Secretária Executiva da Educação, que um ambiente escolar com essa estrutura teria capacidade para dar assistência a todas as modalidades de ensino. Os Centros Educacionais receberiam alunos de vários sítios e assim poderiam formar turmas por ano/série de ensino. Acabaria o ensino multisseriado e, conseqüentemente, a deficiência do ensino da zona rural.

Caso fosse acatada a proposta didático-pedagógica da construção dos Centros Educacionais, acima sugeridos, o ensino da zona rural funcionaria normalmente como o ensino da zona urbana. A extinção do ensino multisseriado

seria uma medida inteligente para garantir as condições ideais de ensino-aprendizagem das escolas municipais da zona rural de Belém. E não seria tão difícil. As escolas já têm prédio próprio, bastaria ampliá-los e adequá-los ao ensino regular.

Depois dessa constatação e da certeza de que o caso requer mais dedicação e maior aprofundamento é indiscutível que, apesar de todos os esforços, este trabalho limita-se, apenas, a uma amostragem; dá apenas um toque leve na questão. Fica, como se pode deduzir, muito distante de se inteirar da problemática da educação do campo, como é chamado o ensino multisseriado. Todavia, este trabalho firmou-se como aprendizado sobre a temática proposta, inteirou-se de tudo que possa vir a abranger a formação cultural e científica dos jovens procedentes das escolas da zona rural de Belém, sobretudo, daqueles que fizeram seus estudos “engessados” na multisseriação.

Este trabalho, até pela sua limitação de tempo e de pesquisa, não pretende aprofundar-se nos problemas do ensino da zona rural de Belém.

Convém ressaltar, ainda, que o presente estudo não oferece soluções prontas para resolver os problemas aqui discutidos, mas poderá despertar para a possibilidade de se repensar, de se aprofundar essa tão importante, porém, negligenciada temática que é a educação da zona rural.

Este é um estudo modesto, e não tem nenhuma pretensão de esgotar o assunto, mas sim de abrir perspectivas, fazer novas alertas a tantos quantos desejarem ir adiante como autênticos políticos, legítimos educadores e verdadeiros pensadores ou cientistas da educação.

Repetindo mais uma vez o que diz (Abramovay, 1998, p. 3). “Se o meio rural for apenas a expressão, sempre minguada, do que se vai restando das

concentrações urbanas, ele se credencia, no máximo a receber políticas sociais que compensem sua inevitável decadência e pobreza.”

É importante que se repense o caso, porque o sujeito do campo, enquanto estudante, não merece esse tratamento educacional diferenciado e discriminatório.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. **Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo**. Rio de Janeiro: IPEA, 1998; DA FEA e Procam/USP, 2000.
- AIRES, José Luciano de Queiroz; ARAÚJO, Bruno Medeiros Roldão; OLIVEIRA, Fabiano Custodio de; et. Al. (orgs). João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.
- ARAUJO, Jaqueline. **Antropologia Social e Cultural**. [SI]: UNIUBE, FTD, EAD, 2009.
- ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA. (Orgs) 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- ASSIS, Maria Cristina Dantas de. **Crônica dos 50 Anos**. João Pessoa: Grafset, 2007.
- BOAS, Franz, Cliford. **A interpretação das Culturas**, 1ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BOAS, Franz. **Cuestiones fundamentales de antropologia cultural**. Buenos Aires: Solar/Hachete, 1964.
- CASTRO, Claudio de Moura. **Os tortuosos caminhos da educação brasileira: pontos de vista impopulares**. Porto Alegre: Penso, 2014.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2ª Ed. Bauru: EDUSC, 2002.
- DIDONET, Vital. (Apresentação de) **Plano nacional de Educação (PNE)** Brasília: Plano, 2000. 188 p.: il. (Texto legal).
- FAVERO, Osmar (Org) RJ: Edições graal, 1983.

FRABETTI, Giancarlo Liuman. **Apontamentos para uma abordagem dialítica das relações cidade-campo: do modelo clássico aos novos desafios.** São Paulo: AGRÁRIA, São Paulo, Nº 5, pp 139-169; 2006.

GEERTZ, Cliford. **A interpretação das Culturas**, 1ª Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GHIRALDELLI Jr, **História da Educação.** São Paulo: Cortez, 2001.2.ed. ver. (Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor).

GONÇALVES, Nelson. **O lado sério da brincadeira: um olhar para a autoestima do educador.** São Paulo: Cortez, 2013, 72 p.

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura.** 4 Ed. Rio: Civilização Brasileira, 1982.

GROSSI, Esther. **A coragem de mudar em educação.** Petrópolis – RJ: Vozes, 2000.

Koche, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica: teoria à ciência e prática da pesquisa.** Petrópolis – RJ: Vozes, 1999.

MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão; BATISTA, Eraldo Leme. (Org.) **Pedagogia Histórico-Crítica: desafios e perspectivas para uma educação transformadora.** Campinas, SP: Autores Associados, 2012. (Coleção educação contemporânea).

MESQUITA, A. Mancuso. **A motivação para a aprendizagem escolar segundo a Escola de Vigotski.** In MARSIGLIA, ANA C. GALVÃO; BATISTA E. LEME. (org.). **Pedagogia Histórico-Crítica: desafios e perspectivas para uma educação transformadora.** Campinas, SP: Autores Associados, 2012. – (Coleção educação contemporânea).

NOVA ESCOLA: Currículo nacional e seus impactos. Revista mensal. São Paulo: Ed. Abril, Fundação Victor Cívita, 1985. ano 29, n. 275, set. 2014. p. 30-35. CAMILA

CAMILO camilo@fve.org.br. (na revista digital – entrevista com Célia Carolino sobre os níveis de concretização do currículo. Iba.com.br.

PEREGRINO, Mônica. **Trajetórias desiguais: um estudo sobre os processos de escolarização pública de jovens pobres**. RJ: Garamond, 2010.

ROCHA, Gilmar; TOSTA, Sandra Pereira. **Antropologia e educação**. Belo horizonte: Autêntica, 2009.

ROSAS, Celso Antônio da Fonseca. **A (des) construção da dicotomia rural-urbano no extremo noroeste paulista**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em geografia, 2010.

SAVIANI, Dermeval. **Da nova LDB ao FUNDEB**. 2. Ed. Ver. e ampl. Campinas, SP: Autores Associados, 2008 (Coligação educação contemporânea).

_____. **Interlocuções pedagógicas: conversa com Paulo Freire e Adriano Nogueira e 30 entrevistas sobre educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010. – (Coleção memorial da educação)

SILVA, Carmem Silva Bissolli da; MACHADO, Lourdes Marcelino. (Orgs.) **Nova LDB**. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.

SILVA, Eurides Brito da. (Org.) **A Educação básica pós-LDB**. São Paulo: Pioneira: 2003.

SILVA, Isabel de Oliveira e; SILVA, Ana Paula Soares da; MARTINS, Aracy Alves (Orgs.). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. (Coleção caminhos da Educação do Campo).

STRECK. Danilo R; ESTEBAN, Maria Teresa (Orgs.) **Educação popular: lugar de construção social coletiva**. Petrópolis, RJ: VOZES, 2013.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas:** o “rural” como espaço singular e ator coletivo, Estudos, Sociedade e Agricultura, 15 outubro 2000: 87-145.

WERLE, Flávia Obino Corrêa (Org). **Sistema municipal de ensino e regime de colaboração.** Ijuí: E.: Injuí, 2006, 320 p.

XAVIER, Maria Elizabete; RIBEIRO, Maria Luisa; NORONHA, Olinda Maria. **História da Educação: A escola no Brasil.** São Paulo: FTD. 1994 – Coleção aprender. & Ensinar. 304 p.